

(5. Gênero, Sexualidade e Religiões)

A educação sexual negligenciada no conto *Quantos Filhos Natalina Teve?*, de Conceição Evaristo

Kawane Isabely Pereira¹

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar mulheres é um ato de política e resistência em nossa sociedade, ainda mais na literatura, afinal “[...] o cânone literário [...] sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta;” (ZOLIN, 2009, p. 327), portanto, para as mulheres abrirem espaço nesse universo, foi preciso uma ruptura do que era considerado tradicional com muita luta, e, ao se tratar de mulheres negras, foi necessário o dobro do esforço, uma vez que, além do seu gênero, sua cor também é julgada.

Buscando uma forma de entrar nas estatísticas de mulheres pretas na universidade e desmentindo a “meritocracia”, Conceição Evaristo (1946) surge com uma literatura brutal e poética, além de muito brasileira. Nascida na favela da zona sul de Belo Horizonte, a autora é Mestra em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, sendo considerada uma das maiores escritoras contemporâneas, dando vozes aquelas que sempre foram silenciadas: mulheres negras de periferia.

Representando uma parcela de sua realidade, Conceição publicou *Olhos D’Água* (2019), livro que trouxe narrativas de personagens com dores reais, o que nos leva ao termo “escrevivência”, constituindo “[...] em que o ato de escrever se dá profundamente cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo, em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade.” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 18).

Considerando a perspectiva de uma mulher negra e periférica, o objetivo desta pesquisa é analisar o conto *Quantos filhos Natalina teve?* (2019, p. 43-50), presente

¹ Graduada em Letras Português e mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

na obra *Olhos D'Água* (2019). A análise se concentra em como os temas da maternidade e da sexualidade contemporânea são apresentados na narrativa. Embora esses temas não sejam originados pelo sistema patriarcal, é o patriarcado que os molda, estabelecendo regras e valores que priorizam os homens e colocam as mulheres em posição de inferioridade.

2. DESENVOLVIMENTO

Segundo Simone de Beauvoir (1970, p. 10), “[...] o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.”, isto é, “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (1970, p. 10). Uma das maneiras de realizar isso foi através da negação às mulheres de sua história e educação, reforçando a ideologia do patriarcado e “enfraquecendo a noção de valor próprio da mulher individualmente” (LERNER, 2019, p. 367), tal educação é “[...] a principal causa da miséria [...] e de que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes, originadas de uma conclusão precipitada.” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

Contudo, ao decorrer do movimento feminista, as mulheres foram realizando reivindicações e conseguindo novos avanços na sociedade, como direito ao voto, ao trabalho e à educação, mesmo não sendo de forma igualitária para ambos os sexos. Outra preocupação do movimento foi o advento da pílula anticoncepcional, o que simbolizava o sexo não apenas para a procriação, e sim para o prazer das mulheres. Esta nova era foi chamada de “Revolução Sexual”, que segundo Kate Millet (1995, p. 10), é uma falsa revolução, visto que:

Uma revolução sexual exigiria antes de mais, talvez, o fim das inibições e tabus sexuais, especialmente aqueles que mais ameaçam o casamento monógamo tradicional: a homossexualidade, a <<ilegitimidade>>, as relações sexuais pré-matrimoniais e na adolescência. Deste modo, o aspecto negativo no qual a atividade sexual tem sido geralmente envolvida seria necessariamente eliminado, juntamente com o código de moral ambivalente e a prostituição.

Além disso, a autora comenta que foi um erro burguês do movimento reduzir

toda a revolução a um só problema, o que mais tarde Bell Hooks (2018, p. 40) irá indicar que o movimento:

[...] colocou as mulheres frente a frente com a questão da gravidez indesejada. Antes que pudesse haver qualquer igualdade de gênero em relação à questão do amor livre, mulheres precisavam ter acesso garantido a métodos contraceptivos seguros e eficientes e ao aborto. Enquanto mulheres brancas individuais, com privilégios de classe, frequentemente tinham acesso a ambas as garantias, a maioria das mulheres não tinha.

Hooks acredita que a luta deveria iniciar com a educação sexual básica para todas as mulheres, não só as brancas e burguesas. Neste ponto, o racismo estrutural se faz presente, já que as mulheres negras e periféricas não tinham acesso ao conhecimento necessário para compreender o funcionamento do próprio corpo. Logo, a educação sexual precisaria ser ofertada a todos, por servir de instrumento não só do conhecimento do corpo, mas também para prevenção de doenças transmissíveis sexualmente, gravidez indesejada e até abusos sofridos na infância e adolescência.

O impasse é que essa discussão está sempre sendo jogada como responsabilidade da família, escola, sociedade ou Estado, ou seja, cabe a todos sanar as dúvidas de crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, não cabe a ninguém. Com isso, quem se prejudica ainda mais são as mulheres negras, que no Brasil, o risco de aborto inseguro é 2,5 vezes maior do que o de uma mulher branca (LOPES, 2019), além de serem a maioria entre as mulheres que dão à luz de uma gravidez não intencional, como visto no conto *Quantos filhos Natalina teve?*, de Conceição Evaristo.

No conto em discussão, a autora inicia a narrativa utilizando o recurso de *flashback*, usado com frequência no cinema, para mostrar de fato uma cena aos leitores/telespectadores: o momento em que Natalina, protagonista da narrativa, estava grávida: “Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz.” (EVARISTO, 2019, p. 43), nota-se que a autora construiu a narrativa com um narrador heterodiegético para transmitir justamente essa sensação do olhar distante e o reflexo do encantamento da maternidade, uma vez que este ainda é um dos papéis sociais mais impostos às mulheres.

Contudo, essa cena de família feliz se desconstrói logo após: “Era a sua quarta

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

gravidez, e o seu primeiro filho.” (EVARISTO, 2019, p. 43). A partir disso, o enredo se desenvolve mostrando o que aconteceu em cada uma de suas gravidezes. Na primeira, por exemplo, Natalina ainda era uma menina que iria completar seus quatorze anos e engravidou acidentalmente, visto que a autora utiliza o verbo “brincar” ao se tratar da relação com o namoradinho Bilico. Ao decorrer da explicação da primeira gravidez, descobre-se que Natalina era uma menina de baixa renda, vivia na periferia e morava com a mãe, o padrasto e os seis irmãos.

Portanto, tanto as suas condições financeiras quanto as do Bilico não eram adequadas para criar um filho, além do próprio namorado já tê-la abandonada ao descobrir: “Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho.” (EVARISTO, 2019, p. 44). Esse privilégio masculino se dá devido à concepção de gênero que se define como uma maneira de indicar as construções sociais, ou seja, o homem abandonar o filho sem satisfação é aceito na sociedade enquanto a mulher, neste caso, ainda menina, precisa lidar com tal situação sozinha, sentindo “ódio e vergonha” (EVARISTO, 2019, p. 44), segundo o narrador.

Além de tudo, Natalina tem sua infância interrompida ao descobrir que os prazeres carnavais a faziam engravidar. Outro ponto interessante é que Natalina decide não ter o filho, portanto, opta por abortá-lo com chás, isso porque alguns carregavam o mito de serem abortivos, passando de geração a geração: “Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber.” (EVARISTO, 2019, p. 44). Essa atitude dela e da mãe mostra a falta de orientação sexual às mulheres, em especial, aquelas de periferia.

Pensando nisso, lembremos da fase feminista “Revolução Sexual”, uma vez que Natalina era uma menina livre e sexualmente ativa, porém sem instruções, devido ao meio social vivido: “Bilico, amigo de infância, crescera com ela. Os dois haviam descobrido o corpo juntos. Foi com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria” (EVARISTO, 2019, p. 45). A falta de conhecimento do próprio corpo faz com que se tenha a gravidez indesejada, ainda mais na adolescência, entretanto, a crítica social sempre foi intensa a depender da posição socioeconômica das mulheres.

Logo, a sociedade não se preocuparia com quem estaria grávida, nem com a

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

orientação sexual, os métodos contraceptivos, o planejamento após a gravidez, entre outros. Assim, o período de "Revolução Sexual" para as mulheres negras serviu apenas para trazer o aborto à discussão, embora elas mesmas muitas vezes não tivessem condições financeiras de realizá-lo de forma legal. Bell Hooks observa que o aborto deve, sim, ser uma pauta importante, pois:

As mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 que clamavam por aborto tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequência de uma gravidez indesejada. Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos – sem o direito ao aborto seguro e legal. (HOOKS, 2018, p. 40-41)

Mas também coloca que as questões deveriam ir muito além:

[...] desde educação sexual básica, controle pré-natal, medicina preventiva – que ajudassem mulheres a compreender como o corpo funciona – à esterilização forçada, cesarianas desnecessárias e/ou histerectomias e as complicações médicas que esses procedimentos causavam. (HOOKS, 2018, p. 41)

E, de tudo isso, as mulheres de classe média “identificaram mais intimamente com a dor da gravidez indesejada. E destacaram a questão do aborto.” (HOOKS, 2018, p. 41). Portanto, Bell Hooks critica esse feminismo de privilégio vivenciado pelas mulheres brancas. Dito isso, demonstrada pela literatura e sendo um fato da sociedade brasileira, é evidente que as jovens moradoras de periferias são as que mais frequentemente iniciam a vida sexual de forma precoce.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a literatura como um reflexo da vida, uma pesquisa realizada com jovens de 14 a 19 anos na favela de Santo André, em São Paulo, revela que:

Mais da metade do grupo, tanto de meninas (62%) quanto de meninos (60%), já haviam se iniciado sexualmente. [...] Todos os já iniciados, haviam tido sua primeira relação sexual antes dos 17 anos, com maior ocorrência nas idades de 13 e 14 anos, nas meninas, e de 14 anos, nos

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

meninos. (REIS; MONTEIRO, 2007, p. 59)

Isso ressalta a importância crucial da educação sexual para crianças e adolescentes em áreas periféricas, pois ela não só contribui para a prevenção da violência sexual, mas também aborda questões relacionadas à gravidez precoce. Uma pesquisa conduzida por Coutinho (2014), que tratou do tema da gravidez precoce, aponta que esse problema está profundamente ligado à pobreza, à falta de acesso à educação, à baixa qualidade do ensino, aos problemas sociais nas favelas, à falta de estrutura familiar, à falta de informação e à violência sexual.

Ao comparar a realidade com o conto, é interessante notar que Conceição cria uma personagem com uma clara consciência social e moral. Natalina, por exemplo, compreendia o peso de criar uma criança e, por isso, decidiu ter o filho resultante de sua quarta gravidez, que ocorreu após um estupro. Isso nos leva a dois pontos: o desejo de maternar e a sensação de finalmente estar pronta para isso; e a realidade das vítimas de estupro no Brasil, onde, segundo dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), mais da metade das mulheres que sofrem esse tipo de violência são negras, o que destaca um problema social ligado à cor e ao gênero.

Por fim, essa protagonista, assim como tantas outras criadas por Conceição Evaristo, vivencia experiências sexuais que rompem com os padrões estabelecidos para as mulheres, enfrentando trajetórias dolorosas como consequência dessas escolhas e sofrendo os impactos remanescentes do sistema escravagista. No entanto, ela também aborda temas de grande relevância para a atualidade, como o pertencimento da mulher negra na sociedade, a desromantização da maternidade, a quebra de tabus sexuais, a importância da educação sexual.

REFERÊNCIAS

_____. A gravidez adolescente nas favelas do Brasil. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/dsr/gravidez-adolescente-nas-favelas-brasil/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: Fatos e mitos. 4ª ed. –São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Quantos filhos Nataline teve?. *In: Olhos D'Água*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 43-50.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LOPES, Fernanda. Os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres negras. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/Os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-das-mulheres-negras>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MILLET, Kate. (1995 [1969]). *Política sexual*. Trad. Ana María Bravo García. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

REIS, Alberto. MONTEIRO, Nancy. Sexualidade e procriação na ótica de jovens de periferias sociais e urbanas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n2/07.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024, p 54-63.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad. de Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In: & Bonnici, Thomas (orgs.). Teoria Literária - abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-336.